

Renda do trabalhador cresce mais em anos eleitorais

O trabalho da FGV mostra que a renda "de todas as fontes" do trabalhador foi 4,3% maior do que em anos sem eleições

A renda mediana do trabalhador brasileiro cresce 12% em anos eleitorais, mas a alegria dura pouco e no ano seguinte a queda é de 11,9%. É o que mostra um levantamento do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com base no período de 1982 a 2002. "O problema é que depois da eleições vem a conta e a ressaca", afirma o chefe do Centro da FGV, Marcelo Néri. Para ele, o Brasil ainda é uma "democracia jovem", sujeita a "políticas oportunistas de aquecer a economia antes das eleições para gerar um resultado favorável".

"Uma boa notícia é que isso tem se tornado menos forte nas últimas duas ou três eleições. Mas nas primeiras eleições, de 1982 e 1986 (para governador) e mesmo 1989 (para presidente), isso foi mais marcado, mas ainda persiste", afirma o economista. O levantamento não inclui o ano de 1994, no qual não foi realizada a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Levando em conta apenas as duas últimas eleições para presidente, o trabalho da FGV mostra que a renda "de todas as fontes" do trabalhador foi 4,3% maior do que em anos sem eleições. De forma geral, as rendas provenientes do trabalho principal foi 3,2% maior, de aposentadoria, 6,9%, e de outras receitas (transferências, basicamente), 24%.

Chama a atenção que nesse mesmo período o aumento da renda do grupo do funcionalismo público foi ainda superior. O levantamento mostra que os ganhos do funcionalismo público municipal foi o maior (8,81%), seguido do estadual (8,08%) e do federal (3,63%). Basicamente, nesses casos, houve reajuste de salários, já que restrições da legislação impedem a contratação em período eleitoral, a não ser na esfera municipal, em que foi detectado aumento de contratação.

(Fonte: Agência Estado)

/td>